



POSSE NA
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

Discursos

Francisco José Barcellos Sampaio, saudação

Carlos Alberto Mandarim-de-Lacerda, posse

em

31 de maio de 2011

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Nacional de Medicina,

Acadêmico Pietro Novellino

Autoridades que compõem a Mesa

Senhoras e Senhores Acadêmicos

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Agradeço ao Presidente aquela que considero a maior honra nesta casa, que é ser designado para saudar um novel Acadêmico. Não posso deixar de manifestar minha alegria, emoção e orgulho de saudar em nome da Academia Nacional de Medicina o Professor Mandarin de Lacerda, que foi o responsável pelo meu encantamento e escolha pela vida universitária, foi meu orientador de mestrado e é meu companheiro de trabalho por exatos 32 anos consecutivos, desde que me tornei monitor da então Disciplina de Anatomia Humana da UERJ em 1979.

O nosso convívio tem sido intenso e ininterrupto nestes 32 anos, o que apesar de não ser fácil para nenhum de nós dois, tem sido profícuo e prazeroso, levando ao crescimento estupendo de nosso serviço na UERJ.

Como proferiu o querido acadêmico Tarantino ao saudar meu padrinho Mario Marrano nesta casa, gostaria de estar calmo, bem calmo, para lhes falar sobre o novo acadêmico Mandarin de Lacerda, contando um pouco do impacto que ele provocou na UERJ e em diversas gerações de médicos e cientistas, inclusive e principalmente em mim.

Estimado Professor Mandarin, hoje Vossa Excelência passa a pertencer à instituição médica mais antiga e de maior prestígio do país. Nos dizeres do Acadêmico Sérgio Águinaga, que me saudou nesta casa, Vossa Excelência passa a pertencer a uma instituição onde não há retorno, onde não há aposentadoria e onde irás conviver com seus pares, usufruindo de suas qualidades e perdoando os seus defeitos, até o fim do ciclo biológico.

A Academia Nacional de Medicina possui mais de 180 anos de existência. Como é uma Casa que reverencia a tradição, acredito que cabe fazer algumas

explicações aos não Acadêmicos aqui presentes, como sinal de respeito ao novel Acadêmico e à própria Academia.

Esta Casa foi fundada em 30 de junho de 1829, sob o título de Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Por decreto da Regência Imperial de 1835 foi adotada pelo governo para instituto oficial com o nome de Academia Imperial de Medicina, com a finalidade de responder às perguntas do governo sobre tudo que interessar à saúde pública e contribuir para o desenvolvimento e progresso em geral da Medicina e Ciências Correlatas.

Com a maioridade do Imperador D. Pedro II, este tornou-se o maior patrono da Casa, e durante 50 anos freqüentou as suas sessões e presidiu as solenidades da Academia. A cadeira na qual se sentava existe até hoje no Museu localizado no nono andar deste prédio. Com enfermidade já avançada, no dia 30 de julho de 1889, presidiu pela última vez a sessão de aniversário da Academia. Com o advento da República, a Casa recebeu o título de "Academia Nacional de Medicina".

A Academia é constituída de Membros votantes Titulares e Eméritos que ocupam 100 Cadeiras, possui ainda Membros Honorários e Membros Correspondentes.

Desde sua criação, há 182 anos, existiram 644 Membros-Titulares, sendo o Professor Mandarim o Acadêmico de número 645. Até hoje, apenas 6 Anatomistas, incluindo Vossa Excelência, alcançaram a posição de Membro-Titular desta Casa.

O novel acadêmico nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em Vila Izabel, perto de sua amada UERJ, em agosto de 1954, filho de Cory Lacerda Miranda e Silma Mandarim de Lacerda.

Formou-se em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da UERJ em 1978.

Em maio de 1980 casou-se com a Profa. Ana Flora e tiveram 3 filhas, Maria Elisa, primogênita, nasceu em 1981, é design gráfico e vive nos Estados Unidos da América onde leciona, Maria Emília nasceu em 1982, é advogada e já lhe forneceu a primeira neta, e Maria Elena, minha afilhada, nasceu em março de 1984 e é jornalista.

Conheci o Acadêmico Mandarin de Lacerda em 1978, no início do meu curso médico, na então Disciplina de Anatomia Humana da UERJ, onde ele era interno do 6º. ano e ministrava muitas das aulas para a medicina. Embora tenhamos a mesma idade, explica-se que fui aluno do Mandarin porque entrei no curso médico com cerca de 5 anos de atraso em relação aos meus colegas, pois havia me graduado em Administração de Empresas antes de me decidir pela medicina.

O entusiasmo do Acadêmico Mandarin na então carente Disciplina de Anatomia era contagiante. Ele fazia de tudo para melhorar a estrutura vigente, as condições de trabalho, o material iconográfico, as peças anatômicas, enfim, fazia tudo. Em Janeiro, junto com uns poucos seguidores à época, ministrava um curso de Dissecção de Férias com a finalidade de aprofundar os conhecimentos dos futuros médicos e também de angariar fundos para melhorar a estrutura de então, adquirindo ventiladores para o anatômico e salas de aula, projetores de slides, filmes fotográficos, mesas fotográficas e material de laboratório para suprir as pesquisas incipientes. Ao terminar o meu primeiro ano médico me matriculei no curso de férias, me tornei monitor e não mais me afastei da UERJ e do Departamento de Anatomia, junto ao Professor Mandarin.

O novo Acadêmico possui uma carreira universitária alicerçada em bases sólidas, sem desvios, passou por todas as etapas da carreira acadêmica e manteve seus ideais e entusiasmo inabaláveis.

É professor de Anatomia na UERJ desde 1º de março de 1979. Tornou-se mestre em Histologia e Embriologia pela UFRJ em 1981 e Doutor em Biologia Humana pela Université René Descartes em 1985.

Em 1988 tornou-se Professor Titular de Anatomia da UERJ após brilhante concurso de provas e títulos.

Publicou mais de 200 artigos científicos em revistas indexadas de impacto, publicou 4 livros e dezenas de capítulos de livros, é revisor de mais de 15 periódicos internacionais, é parecerista ad-hoc das principais agências de fomento, orientou mais de 60 Teses de Mestrado e Doutorado e diversos alunos de Iniciação Científica. Obteve grande captação de recursos ao longo dos anos, o que propiciou a criação de diversos laboratórios de pesquisa ligados a Morfometria e

Morfologia Cardiovascular.

É pesquisador 1A do CNPq, Procientista da UERJ e Cientista do Estado do Rio de Janeiro pela FAPERJ.

É Coordenador Geral do Programa de Pós-Graduação em Biologia Humana e Experimental e é o responsável pelo Laboratório de Morfometria, Metabolismo e Cardiovascular no qual os projetos recentes dizem respeito às alterações de órgãos-alvo na 'síndrome metabólica' em modelos experimentais com tratamento farmacológico ou nutricional.

Minha carreira acadêmica está perenemente ligada e se confunde com as atividades do novel Acadêmico. Em 1985 o Professor Mandarin me recebeu em Paris, na Université René Descartes, onde passou cerca de 4 anos realizando seu Doctorat d' État em Anatomia. Fui para finalizar minha tese de Mestrado que era realizado sob sua orientação, embora ele ainda cursasse o Doutorado. Quando lá cheguei, o que mais me impressionou logo no início, era o prestígio do qual o Mandarin gozava junto aos Franceses. No diretório do Departamento, a sala 635 que ele ocupava era designada como sala do Professor Mandarin. Na realidade ele era tratado como Professor e não como Doutorando. Sou testemunha ocular de que à exceção de estatística e biometria que desenvolveu com o Professor Pineau, o Acadêmico Mandarin mais ensinou do que aprendeu durante sua estada na França.

Na Université René Descartes reativou o estudo da excepcional coleção de embriões do Prof. Rouvière e Prof. Delmas, e assim produziu e publicou vários artigos de embriogênese cardíaca, inclusive a sua tese de Doutorado. Utilizou técnicas de reconstrução tridimensional com modelos em cera e técnicas de estereologia e biometria, ciências para nós então desconhecidas e que ele introduziu em nosso meio. Trabalhava diuturnamente e eventualmente aos finais de semana fazia alguns poucos passeios por Paris. Durante todo o tempo em que fiquei na Université René Descartes estive hospedado, graciosamente, na casa em que o Professor Mandarin vivia com a família em Villejuif.

A rotina era acordar bem cedo, deixar as meninas na escola, e a Maria Elena, francesa, minha afilhada, com pouco mais de 1 ano, na creche municipal. Depois

pegávamos o metro até o Grand Palais e depois o ônibus até Saint Péres. Após o dia pesado de trabalho, jantávamos em casa, lavávamos os pratos, eu dava mamadeira para a Maria Elena, colocávamos as meninas para dormir, e depois íamos fazer os cálculos estatísticos e os gráficos a nanquim da minha tese. Isso mesmo, porque na época não existia computador e tudo era feito à mão.

A minha estada em Paris para concluir a tese incluiu o mês de julho, no qual os franceses desaparecem da universidade. Para minha surpresa, o Acadêmico Mandarin conseguiu sob sua guarda a chave dos laboratórios de pesquisa e do laboratório fotográfico, para que pudéssemos continuar trabalhando, e isso era inusitado, e sempre impressionava os franceses. Como pode este rapaz fazer estatística, fazer gráficos, fazer fotos e ficar trabalhando durante as férias em Paris, os franceses se perguntavam.

Quando voltei de Paris trouxe a tese pronta, com todas as análises, desenhos e gráficos feitos pelo Mandarin, faltando apenas algumas porções do texto, que eu ia escrevendo, enviando pelo correio, o Mandarin corrigia e me devolvia pelo correio – lembrar que nesta época não existia Internet ou mesmo Fax.

Em outubro de 1986, tendo o Mandarin defendido o Doutorado e retornado ao Brasil, pude defender o Mestrado oficialmente sob sua orientação. Nunca tive notícia de um estudante de Doutorado que houvesse orientado do início ao fim uma tese de Mestrado, incluindo estatística, gráficos e fotografias, e que o Mestrando tivesse que esperar o seu orientador defender o doutorado. **Este é o fenômeno Mandarin!**

No ano de 1991, com a reestruturação Departamental no Instituto de Biologia da UERJ, o Professor Mandarin consegue criar o Departamento de Anatomia, autônomo, que ganhou grande impulso e lugar de destaque desde então. Entendo que a criação do Departamento se iniciou quando o professor Mandarin decidiu fazer seu internato na então Disciplina de Anatomia e com seu entusiasmo iniciou as transformações que ocorrem até hoje. Pelos idos de 1973, quando o Professor Mandarin iniciou o curso médico, a então Disciplina de Anatomia só funcionava às 2^{as} e 5^{as} feiras, que eram os dias de aulas da medicina. Nos outros dias permanecia praticamente fechada. Os professores não permaneciam na

Universidade, chegando cerca de 30 minutos antes das aulas programadas e se retirando logo após. Era a prática vigente. Ainda vivenciei parte disso pelos idos de 1978 quando o Professor Mandarin, então interno da Disciplina, começou a mudar esta mentalidade.

Atualmente, pedindo licença aos Uerjianos aqui presentes, posso lhes assegurar que o Departamento de Anatomia é o mais produtivo Departamento de toda a UERJ.

No Departamento de Anatomia já foram produzidas mais de 140 Teses de Mestrado e Doutorado e já foram orientados mais de 150 Bolsistas de Iniciação Científica. Os egressos do Departamento têm posição de destaque nos 4 cantos do País.

Apenas nos últimos 10 anos, o Departamento produziu 205 artigos científicos originais em revistas internacionais indexadas e de impacto e captou cerca de 5 milhões de reais de agências oficiais de fomento à pesquisa.

O Departamento de Anatomia é sede de dois Programas de Pós-Graduação a nível de Mestrado e Doutorado, o Programa de Biologia Humana e Experimental e o Programa de Cirurgia.

No dia de hoje, o Departamento possui 60 alunos de Mestrado e Doutorado, 4 alunos de Pós-Doutorado e 30 alunos de Iniciação Científica. Possui seis bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq, sendo 2 Pesquisadores nível 1A.

O Departamento criado pelo Professor Mandarin, há mais de 15 anos, é dividido em dois grande setores, o Laboratório de Morfometria, Metabolismo e Cardiovascular e a Unidade de Pesquisa Urogenital que tenho a honra de Coordenar e que interagem plenamente.

O Professor Mandarin é o atual Chefe de Departamento, cuida de todos os aspectos administrativos do mesmo e do ponto de vista científico continua com seu entusiasmo inabalável.

Pelos idos de 2004, o Acadêmico Mandarin já separado da mãe de suas filhas, se encantou pela professora da UNIRIO e nutricionista Márcia Águila, hoje Márcia Mandarin de Lacerda e nossa colega no Departamento, e passaram a viver

momentos de entusiasmada cumplicidade, tanto no trabalho quanto fora dele. A Márcia deu novo fôlego e alegria ao Mandarin e foi uma das grandes incentivadoras de sua candidatura a esta Casa, e por isso lhe agradeço publicamente.

Acadêmico Mandarin, que beleza de campanha Vossa Excelência realizou. Tomado de surpresa com a vacância da Cadeira 82, estimulado por alguns amigos, caiu em campo e empreendeu uma das melhores campanhas que assisti ao longo dos 12 anos que pertenço a esta Casa. Candidato único, não se descuidou um dia sequer da campanha, desde a inscrição até o dia da posse. Durante cerca de 6 meses de campanha brindou os Acadêmicos com correspondências semanais, mesclando artigos científicos originais de sua lavra com textos filosóficos, poemas, crônicas e opiniões pessoais, demonstrando claramente suas qualificações científica, cultural, humanística e ética. Tornou-se praticamente uma unanimidade na Academia, e a certo momento todos queriam fazer parte de sua campanha e lhe declarar apoio.

Este novel Acadêmico reforçou a lição de que a vontade indomável de pertencer a esta Casa leva à consagração na eleição.

Ressalto sua pertinência e elegância ao convidar nossa querida Lea Camillo-Coura, sua antecessora, para lhe entregar o Diploma Acadêmico. Tenho certeza de que ela tem muito orgulho do seu sucessor.

Estimado Mandarin, que beleza de comissão Vossa Excelência escolheu. Surpreendeu a muitos, pois em geral os escolhidos são velhos conhecidos, mas Vossa Excelência demonstrou que a Academia é uma casa de surpresas agradáveis e assim se encantou por 3 acadêmicos que conheceu durante a campanha e que lhes impressionaram, que são o meu muito amado Tarantino, o gigante Camargo e nosso entusiasmado Cláudio Ribeiro. Os outros 3 eram previsíveis pois são seus velhos conhecidos. O Cláudio Cardoso de Castro, é amigo de longa data e foi talvez o maior incentivador de sua candidatura ao longo dos últimos 8 anos. O Cláudio Benchimol é antigo companheiro de trabalho e conversas constantes em sua sala na UERJ e o Wanderley de Souza, velho conhecido seu também foi um dos primeiros a sugerir sua candidatura.

Estimado Presidente Novellino, chegando ao final desta saudação, agradeço novamente a grande honra de ter sido indicado para em nome da Academia saudar este notável Acadêmico, e peço licença para ler uma parte da “ORAÇÃO AOS NOSSOS PARES” do inesquecível Acadêmico Cumplido Sant’anna, que muito amou e muito fez por esta Academia, e que graças à perseverança do Acadêmico Sérgio Águinaga, hoje dá nome ao nosso prédio.

A “oração aos nossos pares” resume tudo aquilo que o novel acadêmico deve ser e deve fazer por essa Casa:

“QUEM NÃO TRABALHA PELA ACADEMIA QUANDO NELA INGRESSA É COMO SE DEIXADO HOUVESSE NO VESTÍBULO A PRÓPRIA HONRA. QUEM NÃO SE ESFORÇA PELA ACADEMIA QUANDO NELA RECEBIDO – JUNTANDO-LHE UM TIJOLO – TRAI A SUA ESPERANÇA. SERÁ UM JUDAS QUE ILUDIU A SUA CONFIANÇA; ATRAIÇOA AOS QUE FRATERNALMENTE O ACOLHERAM; ROUBOU A VEZ A UM POSSÍVEL JUSTO, A TODOS ENGANANDO.

NA ACADEMIA SÓ NÃO SERÁ GRANDE QUE JÁ NASCEU PARA CONTINUAR PEQUENO. PARA ISSO SUCEDER O IMPREVISÍVEL ACONTECEU. NÃO CREMOS QUE ALGUÉM HAJA TRAÍDO O JURAMENTO QUE PRESTOU, APÓS AS MUITAS LUTAS QUE TRAVOU, PARA CONSEGUIR ATRAVESSAR O PERISTÍLO DO SODALÍCIO. SE DESPREPARADO VENCEU, FOI MERCÊ DE DOLOROSO EQUÍVOCO, O QUE NÃO É PRÓPRIO DELA – A CASA DESEJADA.

O PERISTÍLO É GRANDIOSO, E É DA NATUREZA HUMANA TENTAR ALCANÇAR O QUE PODE PARECER INATINGÍVEL”.

Estimado Mandarim, para mim Vossa Excelência sempre foi o exemplo do perfeito acadêmico. Dedicção exclusiva à UERJ desde o dia em que lá entrou pela primeira vez e que nomeou como o altar onde celebra diariamente o Sacrossanto Dever de ser Professor e Acadêmico, na perfeita acepção da palavra. Dedicou mais de 50 horas semanais à instituição, não pertence a nenhuma outra entidade publica ou privada, não possui nenhuma outra atividade extra UERJ.

Esperamos nas palavras do saudoso e brilhante Acadêmico Aloysio Salles, que Vossa Excelência encontrará na sua enorme capacidade de criação e de trabalho

tempo também para escolher um segundo altar para suas atividades, esta Academia Nacional de Medicina, à qual penetra com enorme júbilo.

Acadêmico Mandarin, hoje a Academia Nacional de Medicina se engrandece ainda mais com a sua posse.

SEJA BEM VINDO AO NOSSO CONVÍVIO FRATERNAL!

Acadêmico Francisco José Barcellos Sampaio

Excelentíssimo Presidente da Academia Nacional de Medicina, PIETRO NOVELLINO,
Excelentíssimos acadêmicos,
Autoridades que compõem a mesa,
Minhas senhoras e meus senhores,

Postulei ingresso na ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA e Vossas Excelências me receberam na eleição do dia 5 de maio passado. No caminho de seis meses entre a primeira correspondência que lhes enviei anunciando minha candidatura e o momento atual, pude apresentar-me aos que não me conheciam, aproximei-me daqueles que me conheciam apenas, e consolidei a amizade com os que já eram meus amigos. O convívio nesta Academia, eu espero, será longo e profícuo e me dará tempo para demonstrar aos que ainda conheço pouco, o apreço que tenho por todos.

Minhas primeiras palavras são para lembrar o livro "CONVERSAS NA ACADEMIA" do eminente acadêmico JULIO STUDART DE MORAES e a passagem em que ele nos conta que, certa vez, um veterano acadêmico aconselhou um *nouvel* confrade a falar muito em seu discurso de posse, pois esta seria a única ocasião em que ele sairia impune. Gostaria de informar aos presentes que não tenho a intenção de seguir este conselho.

No final do ano de 1972, quando prestei exame vestibular para a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Guanabara (UEG), não imaginava o caminho que percorreria e que me trouxe até a ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Este é um tema de vida ao qual pretendo retonar ao final desta exegese, o caminhante e seu caminho.

São poucos os membros da ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, escolhidos com base em um discriminatório altamente seletivo. Os acadêmicos são reconhecidos como profissionais de relevo. Então, a ACADEMIA congrega um grupo distinto de médicos que, individual e coletivamente incorporam o prestígio da Academia toda.

Pretender pertencer à ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA é considerar que a instituição tem grandeza e destaque na sociedade brasileira; é reconhecer sua importância histórica; é aspirar conviver com médicos de elevada expressão nacional e internacional, cultivados, formadores de opinião.

Almejar à ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA pode parecer pretensioso. Mas essa pretensão é admitida para quem, como eu, já participou da formação de mais de três mil médicos, além de outro tanto de profissionais da área biomédica.

Minha Formação

Quando ingressei na UEG estava decidido a ser um bom médico. O mote que norteou minhas ações foi o "horror a mediocridade". Quarenta anos depois de nada me arrependo a não ser de possíveis inconvenientes que eu possa ter causado a outrem. Relendo o livro "NÉVOAS DO PASSADO", do acadêmico SERGIO AGUINAGA, encontrei nas palavras do experiente médico (e poeta) o sentimento que me invade hoje:

*"Amei a medicina,
fiz dela diversão
sentindo prazer no amor vivido.
Dava paz o dever exercido
e cumprido".*

Fui estudante de medicina em uma época de repressão política e ideológica aos diretórios estudantis. Eu tinha a impressão de que todos, militares e civis, queriam a mesma coisa, o bem do Brasil, mas alguns eram brutos e não dialogavam. Pessoas estranhas aos discentes e docentes estavam infiltradas na administração da universidade e causavam constrangimento. Felizmente isso passou e soubemos aproveitar a experiência desse período para construir um país plural e pujante.

Em 5 de dezembro de 1978, ÍTALO SUASSUNA e ISMAR CHAVES DA SILVEIRA, respectivamente Diretor e Vice-Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, me conferiram o título de médico para "exercer e ensinar a medicina". Em março de 1979 eu já era Auxiliar de Ensino para ensinar Anatomia. Logo após ingressei no Mestrado em Histologia e Embriologia da UFRJ (coordenado pelo Professor BRUNO ALÍPIO LOBO) onde defendi a dissertação em 1981.

Em julho de 1983 embarquei para a França com bolsa CAPES/COFECUB e teve início uma das etapas mais estimulantes da minha vida científica: o curso de doutorado no *Laboratoire d'Anatomie, UFR Biomédicale des Saints-Pères, Université René Descartes* (Paris V). Convivi com renomados professores franceses, notadamente ANDRÉ DELMAS (que foi *Président de l'Académie de Médecine Française* em 1990), JACQUES HUREAU, CLAUDE GILLOT, GENEVIÈVE HIDDEN, HENRI PINEAU e muitos outros. Eu exultava, estava no local onde HENRI ROUVIÈRE havia lecionado e onde ANDREAS VESALIUS apresentou ao mundo o magistral livro "DE HUMANI CORPORI FABRICA" em 1543, considerado um dos três livros científicos mais importantes jamais escritos, um lampejo da inteligência humana.

Gosto de mencionar os outros dois livros que completam esse tripé de ouro: "SOBRE A REVOLUÇÃO DOS CORPOS CELESTES" do astrônomo polonês NICOLAU COPÉRNICO, também publicado em 1543, que rompeu com o sistema Ptolomaico que considerava a Terra como o centro do universo e propôs o heliocentrismo.

O terceiro livro notável foi "PRINCÍPIOS MATEMÁTICOS DA FILOSOFIA NATURAL", de 1687, de ISAAC NEWTON. Neste livro NEWTON discorre sobre as leis fundamentais da mecânica, sobre a gravitação universal e sobre as três leis do movimento, que dominaram o conhecimento da física nos três séculos seguintes. Em sua correspondência com ROBERT HOOKE, cientista experimental inglês e figura fundamental para a revolução científica do século XVII, NEWTON cunhou sua célebre frase: "SE VI MAIS LONGE, FOI POR ESTAR SOBRE OS OMBROS DE GIGANTES", referindo-se humildemente aos seus predecessores KEPLER e GALILEU.

Defendi a Tese de *DOCTEUR D'ÉTAT EN BIOLOGIE HUMAINE* e voltei ao Brasil em julho de 1986. Além das filhas MARIA ELISA e MARIA EMÍLIA, minha primeira esposa ANA

FLORA e eu trazíamos a 'francesinha' MARIA ELENA, que a família no Brasil ainda não conhecia.

Em abril de 1988, com 33 anos de idade, prestei concurso público de título e provas, sendo aprovado com média final 10. Conseqüentemente, fui nomeado Professor Titular na UERJ.

Logo após, quando retornei à Paris para participar do encontro anual do *COLLÈGE DES PROFESSEURS D'ANATOMIE* no *Hotel Lutetia*, me homenagearam com a récita de parte do El Cid de CORNEILLE de 1637 que conta a epopeia da expulsão dos mouros da península ibérica. El Cid, "nome de guerra" de Don Rodrigues, jovem guerreiro espanhol, diz aos nobres que o consideravam muito moço para liderar seus soldados:

Je suis jeune

il est vraie,

mais aux âmes bien nées

la valeur n'attend pas

le nombre des années.

Em 1993 participei da estruturação do Mestrado em Morfologia junto com meus colegas da Anatomia e da Histologia e Embriologia da UERJ. Em 2003 passamos a ter o Doutorado em Morfologia. Em 2007 houve ampla reformulação do programa que passou a ser BIOLOGIA HUMANA E EXPERIMENTAL.

Este momento é oportuno para declarar minha irrestrita paixão pelo ensino de graduação e pós-graduação. O eminente acadêmico AFFONSO BERARDINELLI TARANTINO, em seu livro "LEVELOQUÊNCIA" considera que "médicos nunca se formam, moços e velhos devem continuar aprendendo o resto da vida, como os professores que só aprendem enquanto ensinam e porque ensinam".

Sobre a Comissão

A composição da Comissão que me acompanhou até aqui não é trivial. O professor CLAUDIO CARDOSO DE CASTRO da UERJ é um amigo fraterno e cirurgião plástico renomado, tendo formado inúmeros novos cirurgiões plásticos em nosso meio. Também é filho do saudoso acadêmico JOÃO CARDOSO DE CASTRO a quem indiretamente sucedi como Professor de Anatomia na UERJ. Com CLAUDIO CARDOSO DE CASTRO homenageio os acadêmicos da Secção de Cirurgia.

O professor CLAUDIO BUARQUE BENCHIMOL, da UFRJ, mas que também foi da UERJ muitos anos, é amigo desde os tempos em que eu frequentava a enfermaria de cardiologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto dirigida por seu pai, o saudoso acadêmico AARÃO BURLAMAQUI BENCHIMOL. Cláudio é um clínico de grande valor e, através dele, homenageio os acadêmicos da Secção de Medicina.

Os acadêmicos CLAUDIO TADEU DANIEL-RIBEIRO e WANDERLEY DE SOUSA são cientistas reconhecidos. CLAUDIO TADEU é pesquisador titular do Instituto Oswaldo Cruz e do CNPq, tem grande destaque no estudo da malária, é um amigo recente, porém intenso. WANDERLEY DE SOUSA foi Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro e do CNPq, a quem devemos a introdução da bolsa Cientista do Nosso Estado na Faperj, e a bolsa de bancada para os pesquisadores nível 1 do CNPq. Claudio e Wanderley representam minha homenagem aos médicos da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina onde hoje sou empossado.

JOSÉ DE JESUS PEIXOTO CAMARGO é sobejamente conhecido por sua qualidade de cirurgião torácico e sua proeminência no programa de transplante de pulmão no Brasil. Com ele eu homenageio os acadêmicos de outros Estados, como o Rio Grande do Sul, onde Camargo construiu uma exuberante carreira e me recebeu com fidalguia.

O eminente professor AFFONSO BERARDINELLI TARANTINO é um pneumologista consagrado. Instruiu com seu livro sobre DOENÇAS PULMONARES inúmeras gerações de médicos, inclusive a minha. O Professor Tarantino representa nesta comissão os grandes mestres da academia e seus relevantes serviços à medicina.

O acadêmico FRANCISCO JOSÉ BARCELLOS SAMPAIO é meu companheiro na UERJ onde é Professor Titular. É pesquisador 1A do CNPq e, até recentemente, coordenou a área de Medicina III da CAPES e foi Editor-Chefe do INTERNATIONAL BRAZILIAN JOURNAL OF UROLOGY, tendo alçado esta publicação a ser uma das melhores na área médica nacional, indexada nos melhores indexadores internacionais. Todos ouviram suas palavras e a generosa consideração que fez sobre a minha pessoa, muito mais motivada pelos laços que temos do que por mérito meu. Aliás, eu gostaria de ressaltar que o professor FRANCISCO SAMPAIO e eu nem sempre navegamos em “mares tranquilos”, mas sempre navegamos para frente, “olhando o horizonte”. Compreendemos cedo FERNANDO PESSOA no poema “MAR PORTUGUÊS”: “Quem quer passar além do Bojador, tem que passar além da dor”.

Excelentíssimo Presidente PIETRO NOVELLINO, é também o momento apropriado de eu manifestar publicamente um agradecimento especial à V. E^{xa} pelo cavalheirismo com que me recebeu em seu gabinete em 11 de novembro de 2010, quando lhe pedi autorização para me inscrever na vaga da Cadeira 82. Admiro sua condução justa e firme dos trabalhos da Academia.

Sobre a Cadeira número 82

Iniciarei a descrição dos ocupantes da Cadeira 82 pela Acadêmica Emérita LÉA FERREIRA CAMILLO-COURA, que foi a primeira médica mulher eleita membro titular da Academia Nacional de Medicina, no dia 25 de junho de 1985, a quem sucedo. Depois, retornarei a ordem cronológica de ANTONIO DIAS DE BARROS, ALMIR MADEIRA e ANNIBAL DA ROCHA NOGUEIRA JÚNIOR.

A acadêmica LÉA CAMILLO-COURA tem uma trajetória de vida científica invejável. Graduou-se em medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde, depois foi professora e hoje é Professora Emérita. É pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz onde coordena o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas. Concluiu o doutorado em livre docência pela UFRJ em 1971 e tem elevada produção de artigos científicos, doze capítulos de

livros e cinco livros publicados. Orientou muitas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Durante a vida acadêmica, LÉA CAMILLO-COURA recebeu prêmios e homenagens, culminando, em 2010, com o título de COMENDADORA da Ordem Nacional do Mérito Científico das mãos do então Presidente da República.

LÉA FERREIRA CAMILLO-COURA iniciou a carreira em 1959, como pediatra no Serviço de Doenças Infecciosas do Pavilhão Carlos Chagas (hoje Centro de Saúde Marcolino Candau). Foi consultora muitos anos da CAPES, onde chegou a ser coordenadora de área. Também é pesquisadora emérita do CNPq. Em 1978 cursou o prestigioso curso da Escola Superior de Guerra.

Recordo-me muito bem do primeiro encontro que tive com a acadêmica LÉA CAMILLO-COURA, em um almoço em que também estive o acadêmico FRANCISCO SAMPAIO. Foi o momento em que solicitei sua permissão para concorrer a Cadeira 82 que estava vaga pela sua passagem à emérita.

Nos mais de 25 anos como Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, a médica LÉA CAMILLO-COURA foi Editora-Chefe dos Anais da Academia e se destacou nos debates científicos e nas posições relativas à ética. Tornou-se, por isso, uma pessoa imprescindível no conceito expresso por BERTOLD BRECHT:

Há os que lutam um dia e são bons.

Há outros que lutam um ano e são melhores.

Há os que lutam muitos anos e são muito bons.

Porém, há os que lutam toda a vida.

Esses são os imprescindíveis.

ANTONIO DIAS DE BARROS foi o primeiro ocupante da cadeira 82. Nasceu em Aracajú em 19 de dezembro de 1869, veio para o Rio de Janeiro e graduou-se em medicina em 1895, com a tese intitulada "CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO PSYCHO-PHYSIOLOGICO DO DELÍRIO". Foi saudado nesta Academia por AFRÂNIO PEIXOTO em 1907, onde permaneceu até seu encantamento em 2 de fevereiro de 1928.

ANTONIO DIAS DE BARROS foi diretor do Hospital Nacional de Alienados. Foi nomeado Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de Histologia em 1907 sucedendo a EDUARDO CHAPOT PRÉVOST, e também foi Professor de Bacteriologia. ANTONIO DIAS DE BARROS foi deputado pelo Estado de Sergipe.

ALMIR MADEIRA sucedeu a ANTONIO DIAS DE BARROS na cadeira 82 em 1928. Ele nasceu em 1884, em Niterói, formou-se em 1909 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com a tese intitulada "CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS EM IDADE ESCOLAR". Foi um pediatra renomado. Em 1914 criou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância de Niterói e, em 1927, organizou o Sanatório Dona Amélia da ilha de Paquetá. Foi introdutor, no Brasil, da vacinação pelo BCG.

ALMIR MADEIRA foi um dos fundadores da Faculdade Fluminense de Medicina, em 1925, tendo sido responsável pela Cadeira de Puericultura (a primeira em uma Faculdade de Medicina no Brasil). Passou a Membro Emérito da Academia Nacional de Medicina em 1956. Hoje, com seu nome se denomina uma rua no bairro de Santa Rosa em Niterói.

ANNIBAL DA ROCHA NOGUEIRA JÚNIOR viveu entre 1911 e 1997 na cidade do Rio de Janeiro, sucedeu a ALMIR MADEIRA em 1956. Diplomou-se médico pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil em 1933. Chefiou o Hospital da Polícia Militar e foi assistente no ambulatório de Tisiologia e da 1ª Enfermaria do Hospital São Francisco de Assis. Em 1951 iniciou a carreira universitária tendo realizado a Livre-Docência em Terapêutica Clínica em 1954. Foi Catedrático de Terapêutica Clínica da Escola de Medicina e Cirurgia e de Patologia Geral da Faculdade Fluminense de Medicina, onde chegou a Professor Emérito. ANNIBAL DA ROCHA NOGUEIRA JÚNIOR teve grande sucesso editorial com sua obra "TERAPÊUTICA GERAL" de 1981, Também publicou "DOENÇAS DOS RINS. ESTUDO CLÍNICO E TRATAMENTO" em coautoria com o ilustre Acadêmico OMAR DA ROSA SANTOS, em 1988.

Em resumo, a cadeira número 82 da ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA foi ocupada sucessivamente por ANTONIO DIAS DE BARROS (1907 a 1928), ALMIR MADEIRA (1928 a

1956), ANNIBAL DA ROCHA NOGUEIRA JÚNIOR (1956 a 1985) e LÉA FERREIRA CAMILLO-COURA (1985 a 2010), tendo ficado vaga pela sua passagem a Membro Emérito.

Sobre a Família

A família é meu esteio nos bons e nos maus momentos da vida. O apoio da família sempre foi importante, me fortalece e encoraja quando preciso.

Minha querida mãe sempre esteve ao meu lado e estimulou meu desenvolvimento. Presenteou-me com livros a vida toda, livros infantis quando eu era pequeno, coleções sobre história universal, filosofia e grandes escritores clássicos e contemporâneos quando fui adolescente. Deu-me todos os livros de anatomia e de medicina que eu quis. Ela está comigo hoje, alvíssaras, SILMA MANDARIM DE LACERDA, viúva do advogado CORY DE LACERDA MIRANDA, meu pai.

Minha amada esposa MARCIA BARBOSA AGUILA MANDARIM DE LACERDA doutora em ciências, professora adjunta da UERJ e pesquisadora do CNPq é meu par na ciência e na vida. Adotou minhas três filhas e me ajuda a continuar cuidando delas: MARIA ELISA, designer, reside em Iowa City nos Estados Unidos; MARIA EMÍLIA, advogada, casada, com sua filhinha MARIA EDUARDA, minha neta; e MARIA ELENA, estudante de jornalismo da UERJ. Meus irmãos, SERGIO LUIZ, ALEXANDRE e KATIA MARIA MANDARIM DE LACERDA estão aqui comigo e, com meu sobrinho ALEXANDRE completam meu círculo de sangue.

Também aqui estão presentes os queridos membros de minha “família expandida”, SELMA e NELSON AIETA, meus cunhados, e as famílias ZACARIAS e GUIMARÃES, que me deram os genros MARCELO e LEONARDO.

Vejo igualmente muitos alunos, orientados de iniciação científica, de mestrado e de doutorado, colegas de turma, professores da UERJ e de outras Universidades, e outros amigos. A todos agradeço as ajudas constantes, a amizade e a paciência que têm comigo em nosso convívio.

Uma Reflexão

A parte final desta exposição começa com alguns pedaços do poema *Cantares* de ANTONIO MACHADO (poeta modernista espanhol). Como lhes prometi, vou voltar ao tema dos caminhantes e seus caminhos:

*Tudo passa,
nosso destino é passar,
passar fazendo caminhos,
caminhos sobre o mar.
Caminhante,
as tuas pegadas são o caminho,
não há caminho,
se faz caminho ao caminhar.*

Sou médico, cientista e professor. Encontro-me na intersecção das três atividades em permanente crise no Brasil. Porém, como disse o poeta devemos caminhar e caminhando traçar um caminho para os que virão após nossa passagem. Devemos ter esperança.

Sobre a Medicina

A crise da medicina não é técnica nem instrumental. Ao contrário, por esse ângulo nunca estivemos tão bem. Frequentemente comento com meus alunos do curso de medicina que a modernidade na prática médica não tem correlação com a satisfação do doente. No passado os médicos conheciam os integrantes do núcleo familiar, eram "médicos da família". Lembro com carinho do Dr. WALDYR DA CRUZ LOUREIRO que assistiu minha mãe nos seus partos e também realizou uma colecistectomia em meu avô (com a tradicional incisão de Kocher), também atendia aos chamados da família nas suas diferentes necessidades.

No âmbito da medicina pública a situação é eternamente falimentar. Os corredores por onde passam os recursos ficam com uma boa parte, deixando pouco para as necessidades da atividade fim. É uma tragédia. Os mais entendidos afirmam que não há falta de recursos, em tese, mas que são malversados.

A medicina dos "planos de saúde", que uma época foi apregoada como a solução para a classe média, já demonstrou que a realidade é menos colorida do que a propaganda. Aqui nesta ACADEMIA presenciei os acadêmicos OCTÁVIO PIRES VAZ e UMBERTO PERROTA manifestarem apoio aos médicos frente à "ditadura dos planos de saúde". Também o Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro e o Conselho Federal de Medicina têm atuações firmes em defesa da prática médica. Mas temo que esse assunto ainda necessite maior debate e regulamentação.

No quesito formação vejo que as Faculdades de Medicina são capazes de adestrar o jovem médico nas técnicas modernas de diagnóstico e tratamento, mas são incapazes de formá-lo plenamente do ponto de vista ético, moral e humanístico. Se o jovem estudante já não trouxe essa bagagem ao ingressar na Faculdade de Medicina, lá não encontrará os conhecimentos.

Sobre a Ciência

Fazer ciência no Brasil tem um custo, o "custo Brasil", que é conhecido e vivenciado no momento de adquirir equipamentos ou insumos importados. Não tenho dúvida em afirmar que a ciência no Brasil avança, mas é intrigante o fato de não haver universidade brasileira colocada entre as cem melhores do mundo, apesar do país ter a sétima economia!

É certo que a quantidade de doutores aumentou muito nos últimos anos e isso empurrou os indicadores de aferição da ciência brasileira para cima. Mas a qualidade da produção, a originalidade e relevância do que é pesquisado não teve o mesmo crescimento. Corrobora este fato haver pouco crescimento na deposição de patentes no Brasil.

Na edição de 18 de maio passado da revista VEJA, o Presidente da Academia Brasileira de Ciências JACOB PALIS alertou para a estrutura inapropriada das universidades brasileiras, que não permite a agilidade e a liberdade necessárias para incrementar o número de cientistas com base na meritocracia.

Desmerece a pesquisa no Brasil o fato de as grandes indústrias internacionais que atuam no país desenvolverem suas pesquisas lá fora. As empresas autóctones, por sua vez, não têm o hábito nem o arrojo de investir na produção de conhecimento aqui.

Também vejo com ressalva a política de formação de cientistas no Brasil baseada grandemente na “numerologia” da produção científica e na rapidez da obtenção de resultados. É bom que se diga que as carências do ensino não são, normalmente, sanadas com a pós-graduação, pelo contrário, estamos doutorando algumas pessoas que apresentam graves deficiências em sua formação e que dificilmente poderão contribuir para o avanço científico nacional.

Sobre a Educação

Considero a crise na educação a pior de todas. A educação do povo é o que mais pesa no cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano. Em novembro de 2010 o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento alertou que 8,5% dos brasileiros são pobres com privação em saúde, educação e renda. Não basta mais colocar as crianças e os jovens na escola. Eles “têm que estar na série adequada, na série que se espera que eles estejam para terem uma oportunidade igual”.

A estatística do último censo do IBGE anunciou que há 14 milhões de brasileiros analfabetos (9,6% da população). A série de reportagens do Jornal Nacional da Rede Globo, na semana de 9 a 13 de maio último, mostrou ao vivo e a cores que muitos alunos terminam o ensino médio ainda analfabetos funcionais.

Não será possível corrigir a precariedade do ensino apenas colocando computadores nas escolas. Os esforços serão vãos se não houver a valorização do

professor e a educação não for considerada um assunto de "segurança nacional". Corrigir os rumos da educação seria o passo mais importante para, por retroalimentação positiva, afetar beneficentemente a saúde do brasileiro e formar futuros cidadãos. Além disso com educação as pessoas sucumbiriam menos aos apelos populistas, rejeitariam mais firmemente a impunidade e a corrupção e avaliariam com mais rigor as promessas ludibriatórias dos momentos eleitorais. Não nos faltam pretendidos em todos os escalões políticos, inclusive o mais alto.

Mas, aparentemente os erros aumentam. Escreveu o economista Merval Pereira em 17 de maio último no jornal O Globo: há um aspecto perverso na crise do livro didático de português, que o MEC insiste em manter em circulação, que ultrapassa qualquer medida do bom-senso. O pretexto de defender a fala popular como alternativa válida à norma culta do português estimula os alunos brasileiros a cultivarem seus erros, como se fossem corretas ou aceitáveis expressões populares como *nós pega o peixe* ou *dois real*.

Evânildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras, na reportagem central da revista *Veja* desta semana, alerta que "ninguém discorda de que a expressão popular tem validade como forma de comunicação, mas só a língua culta consegue produzir e traduzir os pensamentos que circulam no mundo da filosofia, da literatura, das artes e das ciências. A linguagem popular não apresenta vocabulário nem tampouco estrutura gramatical que permitam desenvolver ideias de maior complexidade e é óbvio que não cabe às escolas ensiná-la".

Seria um equívoco lamentável e perigoso se o MEC, com essa postura, estivesse pretendendo fazer uma política a favor dos analfabetos, dos ignorantes, defendendo os que não tiveram condições de estudar. Na verdade, está agravando as condições precárias do cidadão-aluno que busca na escola melhorar de vida, limitando que atinjam esse objetivo.

Palavras finais

Termino este discurso voltando meu pensamento para o médico, o cientista e o professor que não estão aqui nesta sala. O médico pode estar em plantão em uma emergência de hospital público, ou atendendo a um chamado em ambulância pela cidade. O cientista pode estar realizando uma experimentação inadiável ou às voltas com relatórios intermináveis. O professor pode estar no terceiro turno de sua jornada, em uma escola da periferia localizada em área de risco.

Estas são conjecturas verossímeis, mas nós não podemos saber ao certo. A sociedade nem sempre se dá conta dos dissabores cotidianos desses profissionais por que os médicos, os cientistas e os professores estão fazendo direito seus trabalhos, sem alarde e com competência, muitas vezes sem possuir os recursos adequados à sua prática. Dedico a eles meu melhor pensamento.

Deixo o poema de AFFONSO ROMANA DE SANT'ANNA, *Reflexivo*, como minhas palavras finais.

O que não escrevi, calou-me.

O que não fiz, partiu-me.

O que não senti, doeu-se.

O que não vivi, morreu-se.

O que adiei, adeus-se.

Muito obrigado pela atenção!

Carlos Alberto Mandarim-de-Lacerda